



IX Congresso Nacional de Educação - EDUCERE
III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia
26 a 29 de outubro de 2009 - PUCPR

O CONTO DA ILHA DESCONHECIDA, DE JOSÉ SARAMAGO. UMA LEITURA COM O PÚBLICO INFANTIL.

LISBOA, Rosiany da Silva – PUC- PR

rosianylisboa@bol.com.br

Eixo Temático: Didáticas, Teorias, Metodologias e Práticas

Agência Financiadora: não contou com financiamento

Resumo

Trata-se de uma pesquisa realizada com três grupos de alunos entre nove e onze anos, da Educação Básica, em Escola Pública Estadual em Curitiba, para verificação de compreensão de leitura, tendo como instrumento de avaliação a obra de José Saramago: **O Conto da Ilha Desconhecida**. A proposta foi a de utilizar-se de um texto que, em primeiro momento é para o público adulto, com o público infantil, por querer buscar superações para o trabalho com a Literatura–Arte, com esse segundo público, evidenciando assim, que: quando a Literatura se propõe aos reais objetivos literários, ela encanta e é compreendida pelo público leitor, seja de que faixa etária for. O trabalho prático de sala de aula, demonstrado aqui, poderá evidenciar esta premissa literária, pois se acredita que a formação do verdadeiro leitor tem início com o abrir da primeira página de uma obra ou com o início da contação de uma história. As propostas de efetivação das atividades foram diferentes para cada grupo, sendo que em todas sempre se utilizou o recurso da contação de história, pois se buscou como referencial, a Tradição Oral, quando as histórias eram apenas transmitidas de pais para filhos, sem o uso da escrita. Como a linguagem escrita de Saramago poderia, por ser atípica, trazer num primeiro momento, o medo e a vontade de desistir da leitura, talvez por não quererem encarar o novo e ultrapassarem as barreiras, optou-se por contar a história aos alunos. É um livro com ilustrações bastante abstratas (aquarelas), o que exigiu de cada aluno a busca por conhecimentos prévios sobre a temática da narrativa, bem como da criatividade. Além do referencial teórico, será possível verificar propostas de atividades literário-pedagógicas (estética, simbologia, intertextualidades, contação de história, técnicas artísticas, entre outras), para relacionar a teoria pesquisada com a prática de sala de aula.

Palavras- chave: José Saramago. Literatura-Arte. Sala de aula. Formação de leitores.

Introdução

Era uma vez... Um escritor português, chamado José Saramago, conceituado no cânone literário adulto que disse:

As histórias para crianças devem ser escritas com palavras muito simples, porque as crianças, sendo pequenas, sabem poucas palavras e não gostam de usá-las complicadas. Quem me dera saber escrever essas histórias, mas nunca fui capaz de aprender, e tenho pena. Além de ser preciso saber escolher as palavras, faz falta um certo jeito de contar, uma maneira muito certa e muito explicada, uma paciência muito grande – e a mim falta-me pelo menos a paciência, do que peço desculpa (SARAMAGO 2001, p.1),

Este autor dá a entender, talvez por “ser um fingidor” (PESSOA, Apud NICOLA & INFANTE, 1995), que não sabe usar as palavras para escrever livros destinados à criança, quando inicia justamente uma obra destinada a ela, “A maior flor do mundo” (2001). Dentro do que se espera para a Literatura-Arte, ele traz uma proposta instigadora, provocante ao leitor, pois de forma “fingida”, como qualquer poeta, faz-de-conta que não sabe escrever às crianças e, ao seu estilo, desafia-as a serem leitores-autores. A provocação é para que do enredo iniciado por ele, saia outro, com uma nova possibilidade, uma nova chave para abrirem o imaginário. Ele será discutido neste trabalho, com outra de suas obras, agora para o público adulto: **O Conto da Ilha Desconhecida** (1998).

Porém, por que alguns escritores, aqueles que são bons essencialmente, no que diz respeito ao objetivo da Literatura, ao contrário de Saramago, negam-se a escrever para o público infantil, ou ainda se consideram incapazes de atingir a criança com seus textos? Muitos tentam explicar ou sistematizar uma fórmula, quem sabe “mágica”, de conseguir tal façanha. A prática de sala de aula tem sido uma boa maneira de se perceber, pelo menos o que não tem ajudado a desvendar esse segredo, ou seja, não adianta desmerecer ou negar o poder de percepção e de alcance da mente infantil, já que ela está, justamente neste período, aberta para o conhecimento, e este pode e necessita ser o mais amplo possível. Pode-se dizer que esta criança, enquanto desenvolve suas habilidades de leitura, tanto necessita dos livros inteligentes, que vão de acordo com seu desenvolvimento, como outro que as “empurre para frente, pois o seu crescimento implicará vencer os obstáculos, as dificuldades” (VIGOTSKY, 1996). A questão parece ser um pouco mais complexa e abrangente do que aparenta. Jesualdo, citando Anatole France, sugere que:

Não se procure uma maneira especial de escrever para crianças, mas que se eleve o mais possível o pensamento, aperfeiçoando ao máximo o estilo, para que tudo viva, para que tudo pareça claro, magnífico, poderoso, na narração. Não há outro segredo para entusiasmar os leitores (JESUALDO 1982, p. 20).

Sabe-se também que não é apenas isso que pode ser feito para garantir o sucesso com os textos infantis, entretanto a narrativa, oral ou escrita, deve ter o poder de alcance, de sonoridade, de musicalidade, de concreção, não só aos ouvidos e olhos, mas, sobretudo nas mentes infantis, pois deve causar sensações como assonâncias, aliterações, traços onomatopaicos, repetições, lembranças, as quais levam a novas percepções e conhecimentos, que por sua vez geram transformação de vida, sendo tudo por meio da ludicidade e encantamentos literários. A criança precisa da fruição com liberdade, com possibilidades, por isso, ao se pensar em leituras para elas, há que se respeitar seu crescimento, inteligência e, sobretudo não limitá-la ao texto pronto. Sem esquecer que o mundo, hoje, exige do leitor uma leitura que traga outras imagens, outras idéias refletidas, a partir da primeira, ou seja, exige o olhar caleidoscópico da descoberta. Assim, a cada leitura, novas e mais detalhadas possibilidades. Na leitura, “o novo sempre aparece e se renova” (COELHO, 2000).

Ao longo da história literária, é possível observar que, as obras para as crianças foram organizadas, partindo do princípio de que elas necessitam do simbólico para compreender o texto, para relacioná-lo com o plano real e para voltar ao próprio texto, entendendo-o como sendo uma “história de faz -de -conta”.

A Simbologia (CHEVALIER, 2000) é constante na narrativa, em **O Conto da Ilha Desconhecida**, desde o título, o homem, o barco, a mulher, a pragmática das portas, entre outros. Cada uma desenvolve uma possibilidade, que por sua vez, desencadeia outras. Há ainda as possibilidades intertextuais, pois aparecem diferentes encontros com outros textos, de vários autores, fazendo com que a leitura se torne ainda mais provocativa e instigante ao leitor. A estética, que é um valor muito preservado pela criança em suas escolhas e processos de desenvolvimento, também é tratada no decorrer do texto. O “Realismo Fantástico” (TODOROV, 1970), uma corrente da Literatura, permite uma passagem ao mundo do imaginário, possibilitando construções e desconstruções das imagens, haja vista o caráter fantasioso encontrado na leitura, com uma mistura intensa entre o que é verossímil e o que é inverossímil.

Por todos esses motivos relacionados acima é que, com o presente trabalho pretende-se, de forma muito carinhosa e prática, contrapor a afirmação feita por José Saramago, conforme a citação inicial, pois é possível sim desvelar o era uma vez..., o simbólico, o imaginário (Realismo Fantástico) e o sonho das crianças, pelo menos em uma de suas obras: **O Conto da Ilha Desconhecida**, tendo em vista que ele trabalha muitíssimo estes planos.

Desenvolvimento

O que vem a ser Literatura-Arte?

O gênero Literatura infantil tem a meu ver, existência duvidosa. Haverá música infantil? Pintura infantil? A partir de quando uma obra literária deixa de constituir alimento para o espírito da criança e se dirige ao do adulto? Qual bom livro para crianças, que não tenha sido lido pelo homem feito? Qual livro de viagens ou aventuras, destinados a adultos, que não possa ser dado a crianças desde que vazado em linguagem simples e isento de matéria de escândalos? Observados alguns cuidados de linguagem e decência, a distinção preconceituosa se desfaz. (ANDRADE, C. Drummond, In JESUALDO, 1982)

Um aspecto que precisa ser descortinado para se compreender a Literatura- Arte é que, assim como para o adulto se faz necessário compreender que existem níveis de compreensão e de alcance que cada um fará diante de uma obra literária, já que há que se considerar as leituras anteriores do indivíduo, o seu nível intelectual, seu acesso à cultura, também com a criança há que se perceber o nível de desenvolvimento em que se encontra, suas outras leituras e referências, para que atinja o nível esperado para aquela nova leitura. Por isso, é preciso ir além do que é discutido obviamente ou superficialmente, e pensar que existe uma plurissignificação na obra literária, a qual viabilizará processos mais amplos dos que se pode considerar, já que a leitura leva a outras percepções, desenvolve a memória, conecta o texto lido com outros, ou seja, possibilita a intertextualidade, dentre outras amplitudes permissíveis a partir de um texto. Conforme observa Vigotsky (1996 p.117), “o bom aprendizado é aquele que se adianta ao desenvolvimento”.

Assim sendo, sem descartar as características peculiares da obra produzida para o público infantil, também é possível perceber que, toda criança necessita ser impulsionada para a vida de forma plena, cheia de recursos e não fragmentá-la a ponto de suprir-lhe as aventuras do mundo literário. A essas aventuras Edgar Morin (2002 p. 45) trata como “capazes de nos levar à dimensão poética da existência humana”, ou seja, remetem-nos a um mergulho no pensamento, que traz à tona questões universais, questões filosóficas, que possibilitam o crescimento desejável por meio das leituras. Pensando desta forma, a educação poderá ter êxito com o trabalho literário, em sala de aula, pois não irá furtar ao texto seu caráter próprio e nem incutir na mente da criança que ler acarreta tarefas escolares, nem sempre muito prazerosas e não discutíveis. Ao contrário, se a escola trouxer em seu

ideal educativo que, o texto pode trabalhar na criança justamente aquilo que se espera dele, ou seja, as possibilidades, ela terá acesso ao mundo da reflexão dialética, das discordâncias, da discussão, chegando então às verdadeiras possibilidades educativas. A escola se preocupa com a aprendizagem e com a aquisição de novos conhecimentos do aluno; deve continuar tendo esta meta, entretanto mais uma vez utilizando palavras de Vigotsky (1996, p.109), devemos ter claro que: “o aprendizado é mais do que a aquisição de capacidade para pensar; é a aquisição de muitas capacidades especializadas para pensar sobre várias coisas.”

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa e Literatura (1998), o texto literário tem forma e estilos próprios, não ficando preso aos padrões e aos modelos, antes ele os transgride e vai constituir mediação específica entre o sujeito e o mundo, entre a imagem e o objeto. Esta mediação é que possibilita a idéia de ficção e da reinterpretação de realidade e dos sonhos.

A Literatura, além de autônoma, tem linguagem própria, é subjetiva, possibilita outro caminho de acesso ao conhecimento, uma vez que se pauta em preocupações estéticas, já que é uma Arte. Ao caracterizar o texto literário desta forma, os Parâmetros Curriculares Nacionais quebram de uma vez com os “equivocos pedagógicos” em querer inserir no teor do texto um compromisso que ele não tem, ou seja, é retirado o pretexto de se utilizar a Literatura para resolver, ou pelo menos tentar, questões de valores morais e sociais e outras, sabidamente utilizadas em salas de aula. Com este pensar educativo, haverá possibilidade de, conforme os PCNs (1998, p.27): “formar leitores capazes de reconhecer as sutilezas, as particularidades, os sentidos, a extensão e a profundidade das construções literárias”.

Realidade X Imaginação / Por que as crianças leem o óbvio?

Quantas possibilidades tem uma leitura? De quantas maneiras é possível enxergar os fatos, as cenas, as descrições? E se não começasse assim? (...) Tantas outras interrogações poderiam ser elaboradas por um leitor, ao ter contato com o texto literário.

É assim que acontece: é um processo, provavelmente, mágico – o imaginário logo vem à cena, quando se inicia uma leitura... A matemática da leitura é interminável, basta abrir a primeira página. Transformar a criança em leitor-autor é condição fundamental para o êxito do trabalho literário; o desafio precisa ser lançado na seleção dos textos propostos para o público infantil.

José Saramago, em **O Conto da Ilha Desconhecida**, possibilita esta viagem ao imaginário adulto e infantil, pois ele instiga, provoca o leitor a vasculhar o texto com os olhos e com a mente. A partir da primeira página é possível buscar na memória, aquilo que se tem registrado sobre barcos, reis, castelos, poder, tronos, ousadia, esperas, dentro daquilo que é real, conhecido como significados e significantes, transportando-os para o imaginário, também buscando o que se conhece sobre os temas abordados. Em **A Poética do Espaço**, Gaston Bachelard (2003 p.158) trabalha a idéia de que buscamos em nossos esconderijos da mente, aquilo que deixamos reservado para uso posterior, pois, “quando vasculhamos o interior descobrimos a beleza interior”. A viagem literária é como uma expedição, uma busca: a satisfação vem com as descobertas. Com as conquistas obtidas nessas buscas, o mais gostoso para a criança é ela saber que não ficou passiva na leitura, ultrapassou os limites, os túneis escuros da mente e chegou a uma liberdade imaginária, engrandecendo-se como sujeito-leitor.

Entende-se que é imperioso considerar este tipo de Literatura, a qual provoca: sentimentos, recordações, contextualizações; é prazerosa, desenvolve o leitor e, por esse motivo pode ser considerada educativa. Portanto imaginário e intelecto devem trabalhar juntos, sem dicotomias, sem etapas, sem enganos. Talvez, conforme alguns estudiosos afirmam: sem as “bobices, sem a linearidade” do livro: a libertação na leitura faz com que a criança não siga essas duas condições, como muitos insistem para que ela obedeça, por isso, consegue viver o devaneio; viver a realidade imaginária.

Porém, por que as crianças leem o óbvio? Por que tem lido livros que não atingem nem os objetivos da Literatura, como Arte, nem aos desejos idealizados por ela?

É comum se ver por aí, nas estantes escolares, livros com ideias equivocadas sobre o que é fantasia, com recados moralizantes, com baixo nível de alcance intelectual, cheio de doutrinas e espontaneísmos. Uma Literatura feita para as massas, para o domínio dos que as indicam e, infelizmente, alienação dos que tem que lê-las. Ler o óbvio, o desejado pelo professor, nem sempre é o adequado e o que amplia o imaginário e o campo de conhecimentos na criança.

Ezequiel T. da Silva levanta uma problematização com relação ao que se faz com a Literatura e com a Educação, pois para ele, o problema não está com nenhum deles, e sim com o ensino da Literatura, pois como tem sido administrado, não está formando leitores. Dentre tantas outras relevâncias abordadas, uma parece ser a que justifica tal preocupação:

O dilema da educação literária, que deveria e poderia ser promovida na escola, está exatamente na impossibilidade de eliminação do mediador que faz a ponte entre os estudantes e os livros: o professor (SILVA, 1990, p.54).

Levanta a hipótese ou afirmativa, inclusive, de que alguns autores gostariam de ver as suas obras fora e longe dos muros escolares. É impressionante observar que este tipo de alerta não tem sido dado há pouco tempo; já é registrada por muitos estudiosos e escritores a importância do trabalho eficaz com a Literatura, mas a pergunta continua: por que perdura o encanto por um mau gosto literário, o qual é usado pelos adultos para distrair as crianças? Quando se expõe este tipo de Literatura ao público é como se estivesse propondo uma **despoetização infantil**. Glória Kirinus aborda brilhantemente a idéia de como a criança se desenvolve com relação à realidade e à fantasia:

A criança, à maneira do poeta, cria um mundo próprio, um mundo supra-real onde investe energia criativa na construção, extensão e realização dos seus desejos. Ela tem consciência do seu “faz-de-conta”, sabe diferenciar o real do imaginário, mas transita naturalmente entre os dois (KIRINUS, 1998, p.38).

A educação para a sensibilidade é fundamental para que a criança aprenda a reconhecer o belo, a trabalhar com a riqueza da fantasia; descubra a “gramática da fantasia” (RODARI, 1982). Aos poucos, com o passar das experiências e com a própria evolução de seu desenvolvimento, ela consegue, com a mediação do professor, de preferência, sair “do país da quimera e do sonho” (JESUALDO, 1982). Esta passagem é processual e causa tensão, pela própria insatisfação da busca, porém gera alegria pela vitória na transposição de novos obstáculos, favorecendo o seu crescimento intelectual.

Saber pensar, como todo adulto quer, remete-nos ao primeiro passo: saber sonhar. “O pensamento nasce” (ALVES, 2001). A realidade imaginária faz com que se entre numa dimensão que, às vezes, fica impossível descrever com palavras da realidade vivida no concreto.

Libertar-se pelo sonho é, talvez, uma grande proposta para a vida. Mesmo parecendo contraditório, ainda resta sonhar. O homem do barco, em Saramago, tinha o sonho de conhecer uma ilha ainda não inscrita nos mapas e ele ousou esse devaneio: “quero encontrar a ilha desconhecida, quero saber quem sou eu quando nela estiver, (...) Se não saís de ti, não chegas a saber quem és” (SARAMAGO, 1998 p.40). Talvez seja por isso que o próprio

Bachelard (1993) diga que, é preciso, alternadamente, pensar e sonhar. Esse é o ponto crucial, é a essência da alma do pensador-sonhador, ou seja, ele pode e deve voar, ele pode e deve caminhar.

Trajatória Metodológica: “O Conto” dentro da sala de aula

A inquietação de levar para a sala de aula aquilo que se aprende, descobre ou reorganiza com a Literatura, faz um professor ousar no ensino que se propõe realizar com crianças, desde a escolha do que se vai ler ou contar a este grupo tão ou quão exigente, o que lhe permite instalar novos paradigmas educacionais (BEHRENS,2000) em sua prática. Uma dessas inquietações é a de relacionar a Literatura com o trabalho pedagógico desenvolvido, de forma mais ampla e viva, de tal maneira a contagiar os alunos pelo interesse e porque não, paixão pelos livros. Desta forma, é possível desenvolver com eles, trabalhos e projetos que despertem a curiosidade, o desejo e a cumplicidade de um verdadeiro leitor, desde pequenos.

Por acreditar neste pressuposto, desenvolveu-se, durante três anos, um projeto bem específico chamado “Literatura em sala de aula”,¹ o qual esteve voltado a entender como uma obra feita, em princípio, para adultos, pode despertar o interesse e o encantamento em crianças na faixa etária entre nove e onze anos.

Tudo começou quando foi desenvolvido um trabalho acadêmico, no segundo ano, como acadêmica de Letras, para a disciplina de Literatura Portuguesa, em que, após a leitura do livro **O Conto da Ilha Desconhecida**, necessitou-se apresentar para a turma o resultado das pesquisas. O trabalho foi apresentado, a partir da ideia que o próprio título oferecia: tratava-se de um Conto. As pesquisas foram organizadas a partir daí e, no decorrer, observou-se que, assim como na Tradição Oral (ARIÈS, 1978) os contos eram “contados”, também poderia ser contado a alguém ou a um grupo. Foi eleito um grupo de alunos, daquele ano, para serem os ouvintes e a experiência não poderia ter sido melhor.

O projeto continuou com outros alunos, nos dois próximos anos², seguindo os mesmos objetivos, apesar de que para cada ano foram propostos encaminhamentos distintos, possibilitando outras visões, leituras, discussões e resultados nesta busca.

Dentre as descobertas realizadas pelos grupos, destacam-se: embarcar na fantasia proposta; observação sobre o fato de os personagens não terem nomes, serem reconhecidos

¹ Para alunos do 4º ano do ensino fundamental - 2002

² (2003 – 2004)

pelo que faziam (função social); intimidade e final feliz dos personagens, como nos contos de fadas; a simbologia das palavras; a pragmática das portas ao representarem as ilustrações, com beleza e carregada de significados; a intertextualidade entre as obras, ao relacionarem com outras leituras ou conhecimentos já internalizados, entre outros (ilustrações: I, e II).



Ilustração II: proposta: Releitura – “A luz”

Fonte: trabalho prático com alunos

Pode-se perceber, ao final destes encaminhamentos, o quanto o aluno-criança aprecia as leituras consideradas complexas, e como elas o cativam. Além de se refletir sobre todas as questões abordadas até aqui, necessita-se saber combinar pelo menos quatro elementos, que sustentam a Literatura: “nunca uma linguagem trivial; sempre elevada; levemente poética e, muito bem cuidada quanto à originalidade idiomática” (JESUALDO,1982).

Com estes quatro elementos, pode-se recorrer ao pensamento vigotskeano (1998) de que é importante trabalhar com a criança no campo do **desenvolvimento proximal**, ou seja, interferir no processo natural de maturação, o qual ela já atingiu e proporcionar-lhe novas possibilidades para que atinja o **potencial** almejado. Não seria conveniente ainda ressaltar que, o que se tem oferecido a ela, nas estantes das escolas, muitas vezes, está aquém de suas habilidades e competências literárias? Que muitas vezes não se levam em conta seus valores estéticos?

As exigências infantis são muito superiores ao que imaginamos, ou talvez sedimentamos em nosso cabedal de conhecimentos. Compreender a viagem infantil, com relação ao pensar, ao construir seu mundo é uma viagem ao impensado, às ilhas desconhecidas. Nietzsche, citado por Rubem Alves, sabiamente preconizou: “é preciso navegar,... nossos navios tem de buscar a terra dos nossos filhos e netos, ainda não vista, desconhecida” (ALVES,p.85). Aqui reside “a alegria em ser professor”,(ALVES) aquela que não fica aportada no cais do já aprendido; singra os mares da vida, juntamente com seus alunos. É uma alegria que não se “conforma com o óbvio”, como alerta Marina Colassanti, (1985) “não se acostuma” com os caminhos já conhecidos e trilhados tantas vezes; que teme ousar, teme se perder, que teme cair; antes vai além, diariamente andando por novos caminhos.

Trilhar caminhos ousados com as crianças exige muito esforço do professor, entretanto permite a ele retornar a um caminho já não mais explorado, o caminho da criatividade ousada, louca sim, porque quem ousa é um verdadeiro louco para os que estão conformados; o caminho do diálogo, das interações, das problematizações. A criança adora ter como parceiro nestas aventuras, o seu professor, aquele que irá promover situações de confronto, de novidades, de oportunidades. O “devaneio desejado” (SILVA & ZILBERMAN, 1990) leva o grupo a aprender junto, a construir as novas possibilidades.

Considerações finais

“E se as histórias para crianças passassem a ser de leitura obrigatória para os adultos? Seriam eles capazes de aprender realmente o que há tanto tempo tem andado a ensinar?”.(SARAMAGO, 2001)

É condição fundamental discutir esta indagação feita pelo autor em um dos livros pesquisados neste trabalho, pois está aí uma das chaves para tantas buscas com relação ao que se pretende com a Literatura Infantil e, conseqüentemente, o que se tem efetivamente realizado nesta área. O fato é: livros de crianças = leitura obrigatória para adultos /professores. Esta é a condição preestabelecida por José Saramago em sua fala contundente: quando os livros infantis forem lidos pelo professor, antes de oferecê-lo à criança, será quebrado o primeiro obstáculo para um trabalho literário eficaz, no âmbito escolar, pois o conhecimento do material (texto) fornecerá subsídios criteriosos de escolha para ser oferecido ao aluno. Ao tomar esta postura, com certeza, esse professor poderá responder à segunda parte da indagação feita: será capaz de aprender a escolher os melhores textos para seus alunos, pois, por meio do critério de seleção, terá apreendido o sentido do texto, as suas possibilidades, a dialética inserida nele, ou seja, saberá discernir os bons livros.

O trabalho inovador (MORIN, 2002) sempre trará ansiedades, dúvidas, inseguranças e, muitas vezes à volta ao mais comum e costumeiro, entretanto ele traz também, e é isso que dá vontade em realizá-lo, as conquistas, as alegrias, os sorrisos nos rostos, o compartilhar, o descobrir das novas ilhas.

Não importa que os reis existentes no Sistema digam que já não há mais ilhas a conhecer, porque todas já foram encontradas e mapeadas nos livros, pelos maiores estudiosos e pesquisadores. O bom professor, aquele que tem alegria em ensinar, deve responder para si mesmo e para os outros que: encontrar o desconhecido sempre será possível, basta procurá-lo. A busca é uma prerrogativa essencial no trabalho educacional e, quando atrelado à Literatura-Arte, com certeza será proveitosa e com sabor de vitória. Assim como a Ilha Desconhecida só se deixou conhecer, mediante a luta e o sonho, o conhecimento de mundo, a consciência da existência humana também só se dará a conhecer, quando efetivamente for buscada com luta: pelo estudo, pesquisa, indagações e, pelo sonho: o qual é ferramenta motriz a todas as pessoas (crianças e adultos) em suas vidas.

Desta forma, a ideia final é que, realizar o trivial na Educação é fora de propósito, tanto nos aspectos literários, como foi discutido, como nos aspectos de desenvolvimento psicológico e social da pessoa; acostumar-se a (...) é perder a condição humana de criar, pois estas posturas atrofiam os mecanismos de avanços que são pertinentes a todos, porque cada um precisa da amplitude para viver a vida e o sonho em sua plenitude, a fim de se tornar um sujeito capaz de conhecer e transformar-se a si a ao mundo.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **A alegria de ensinar**. 4 ed. Papyrus, 2001. Campinas

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Zahar, 1978. Rio de Janeiro.

BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. Martins Fontes, 1993, São Paulo.

----- . **Poética do Devaneio**. Martins Fontes, 1989. São Paulo.

BEHRENS, Marilda, Ap. **O Paradigma Emergente e a Prática Pedagógica**. 2ª Ed. Champagnat, 2000. Curitiba

.

CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**. José Olympo, 15ªed., 2000. Rio de Janeiro.

COELHO, Nelly Novaes. **A Literatura Infantil**. 4ª ed. Revisada. Quiron. 1987. São Paulo.

----- . **Literatura: arte, conhecimento e vida**. Petrópolis. 2000. São Paulo.

COLASSANTI, Marina. In: **Reunião técnica sobre recursos instrucionais na formação profissional**. Cernafor, 1985. São Paulo.

JESUALDO. **Literatura Infantil**. Tradução de James Amado. Cultrix, 1982, São Paulo.

KIRINUS, Gloria. **Criança e Poesia**. (Na pedagogia Freinet). Paulinas. 1998. São Paulo.

MORIN, Edgar. **A Cabeça Bem-Feita. Repensar a Reforma/ Reformar o Pensamento**. Tradução Eloá Jacobina. 6ª ed. Bertrand Brasil, 2002 Rio de Janeiro.

NICOLLA, José de & INFANTE Ulisses. **Coleção Margens do Texto: Fernando Pessoa**. Scipione, 1995. São Paulo.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. 1998

RODARI, Giani. **Gramática da Fantasia**. Summus, 1982. São Paulo.

SARAMAGO, José. **O conto da ilha desconhecida**. Companhia das Letras, 11ª reimpressão, 1998. São Paulo.

----- . **A maior flor do mundo**. Companhia das Letrinhas, 1ª reimpressão, 2001. São Paulo.

TODOROV, Tzvetan. **Debates Literatura**. 2ª Ed. Ed. Perspectiva. 1970. São Paulo.

VYGOTSKY, L.S. **A Formação social da mente**. Martins Fontes, 5ª ed., 1996. São Paulo.

----- . **Pensamento e Linguagem**. Martins Fontes. 2ªed., 1998. São Paulo.

----- . **In Psicologia da Arte**. Barral ed., Barcelona, 1972.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. Global, 4ªed., 1985. São Paulo.

ZILBERMAN, Regina & SILVA, da Ezequiel Theodoro. **Literatura e pedagogia: ponto & contraponto**. Mercado Aberto. 1990. Porto Alegre.